O ensino-aprendizagem em atividade artesanal: o ofício da ourivesaria

Ingrid Lilian Fuhr,
Elizabeth Tunes,
Felipe Ferreira

Resumo:

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que visou estudar modos de ensino-aprendizagem não escolarizados, em atividade artesanal, mais especificamente a atividade do ourives, que existe há mais de 5.000 anos. O processo de ensino-aprendizagem se dá com a participação ativa do mestre na instrução. Os mestres são como guardiões da tradição de um ofício, responsáveis pela transmissão de geração em geração dos conhecimentos concretos e práticos da ourivesaria. O ofício por não ser escolarizado, a relação estabelecida entre o aprender e o ensinar na ourivesaria se dá sob outra lógica, ela não segue formalidades, regras e pré-requisitos instituídos previamente como acontece em instituições escolares. O foco do processo ensino-aprendizagem está no aprendiz em atividade. A aquisição de conhecimento é por meio da prática, em que o pensar e o fazer não estão desvinculados. Para conhecer a atividade da ourivesaria, foram entrevistados três mestres ourives de Brasília/DF. Foram dez dias de convivência nas respectivas oficinas, acompanhando e observando o trabalho diário com os aprendizes. Por meio da convivência com os mestres ourives e seus aprendizes, foi possível constatar a atitude de abertura ao diálogo, de respeito ao tempo de aprendizagem individual, em que as características pessoais são levadas em consideração durante todo processo de ensino aprendizagem. Um dos pontos destacado nas falas dos ourives é que o aprendiz necessita estar genuinamente interessado pelo ofício para aprendê-lo. A sabedoria é utilizar a razão para orientar a ação, promovendo a autonomia e a ação criativa.

Palavras Chaves: Ensino-aprendizagem; Atividade artesã; Ourivesaria; Autonomia; Ação criativa

Abstrat:

The present article is the result of a research that aimed to study non-school teaching-learning methods, in craft activity, more specifically the activity of the goldsmith, which has existed for more than 5,000 years. The teaching-learning process occurs with the teacher's active participation in instruction. The masters are like guardians of the tradition of an office, responsible for the transmission of generation in generation of the concrete and practical knowledge of the goldsmiths. Due to not being educated the established relationship between the learning and the teaching in the goldsmithing is given under another logic, it does not follow Formalities, rules and prerequisites instituted previously as it happens in school institutions. The focus of the teaching-learning process is on the active learner. The acquisition of knowledge is through practice, in which thinking and doing are not unrelated. It is interesting to note that this activity has not been schooled since its beginnings as a practical knowledge. In order to understand the goldsmithery work, three master goldsmiths of Brasilia/DF were interviewed. It was ten days of coexistence in the respective workshops, accompanying and observing the daily work. With the interaction with the goldsmiths it was possible to verify the openness to dialogue, the respect for individual learning

pace and that personal characteristics are taken into consideration throughout the teaching-learning process. One of the highlights of the goldsmith's speech is that the apprentice is genuinely interested in the craft. Wisdom is to use reason to guide action, promoting autonomy and creative action.

Keywords: Teaching-learning; Craftsmanship; Goldsmithery; Autonomy; Creative action

A atividade artesanal como uma prática que, muitas vezes, está distante de outras atividades profissionais, é desvalorizada pela comunidade acadêmica e técnica, uma vez que não atende a quesitos científicos. O artesão é a pessoa que usa as mãos para transformar matéria-prima em objetos acabados, úteis para a comunidade. Essa atividade surgiu da necessidade do homem de transformar a realidade em que vive, com sua capacidade de criação e inovação. Por meio da linguagem, foi possível ligar o passado ao presente, em que o conhecimento desenvolvido por nossos antepassados e disseminado geração após geração, fez parte da história de alguma atividade artesanal. Dessa forma, as técnicas desenvolvidas e as experiências acumuladas até os dias atuais impulsionaram economicamente muitas comunidades (SANTOS, 2010).

O conhecimento do ofício artesão é compartilhado pelo mestre com seu aprendiz, no fazer diário da atividade na oficina. O aprender compreende três aspectos que se entrelaçam: a orientação pelo mestre, o olhar observador do aprendiz e a ação imitativa. A oportunidade de manejar as matérias primas e as ferramentas, bem como de observar a prática experiente do mestre possibilita ao aprendiz vivenciar o ofício artesão em diferentes momentos de seu cotidiano. O mestre artesão domina o saber de sua prática, ele conhece os atributos das matérias-primas, onde encontrá-las e como manuseá-las.

Um breve apanhado sobre os primórdios da atividade artesanal

Com o desenvolvimento da agricultura, da domesticação de animais e com o surgimento do aldeamento, o homem passou a fabricar cerâmica para armazenar e cozinhar alimentos, a desenvolver a tecelagem, a produzir ferramentas mais duráveis, armas mais afiadas e objetos com uma nova estética, por meio da liga de bronze, estanho e cobre (ROBERTS, 1998). Entre os séculos VI e XI, quando a produção material sobrevivia fechada em lugares isolados e fortificados, artesãos de vários gêneros formavam-se nas oficinas dos mosteiros. O mosteiro constituía uma lição viva do trabalho organizado e racionalizado, a tal ponto que acabou por influenciar, e não pouco, as sucessivas burguesias. No interior dos mosteiros, vigorava uma divisão técnica e social do trabalho, segundo um rigor antes desconhecido e que, por si só, constituía um modelo formativo, com estruturas e funções (RUGIU, 1998).

O intelectual do século XII era considerado um artesão, um homem de um tipo de ofício, um professor, uma vez que sua função compreendia o estudo e o ensino das artes liberais. Uma característica em comum entre as artes mecânicas das oficinas e as artes liberais das universidades ou das escolas é que seu aprendizado acontecia, principalmente, por meio da tradição, com a transmissão de conhecimentos e habilidades profissionais específicas, tanto pelas atitudes no que dissesse respeito às regras operacionais e à fundamentação ideológica do artífice, quanto no que dissesse respeito às regras intelectuais do estudante e do professor (RUGIU, 1998).

Com o propósito de suprir as demandas do mercado na Idade Média, a atividade artesanal foi estruturada como segmento de trabalho, em que os artesãos organizavam-se em forma de trabalho cooperado. Devido ao aumento do comércio entre a Europa e a Ásia, a partir do século XII, os artesãos formaram entidades, reunidas por ofício, a fim de se fortalecerem socialmente. Foram criadas Corporações de ofícios que visavam a cooperação entre artesãos e o aprimoramento da técnica (CARVALHO, 2001). Tal fato representava a aquisição de poder da burguesia cidadã sobre o poder religioso, como merecedores dos produtos produzidos, tanto nas artes mecânicas quanto nas liberais (RUGIU, 1998).

Tais Corporações de ofício eram constituídas por oficinas, que eram compostas por um mestre, dono da matéria-prima, das ferramentas e do resultado econômico gerado pela produção; e por aprendizes e jornaleiros (ou companheiros) que eram assalariados e residiam na casa do mestre. Características importantes relacionadas às corporações de ofício foram a do aprendizado, cujo principal objetivo era a transmissão da experiência do mestre-artesão; a manutenção da hierarquia profissional e dos vínculos entre os artesãos relacionados, assegurando a autoridade do mestre junto aos demais artesãos; a transmissão do conhecimento; e o bom desempenho profissional, pois essas seriam a única garantia que suas obras fossem reconhecidas em regiões fora de suas cidades. O aprendiz, após anos de prática, poderia receber o título de mestre-artesão (MARTINS, 1973).

A casa do artífice na Idade Média constituía-se na própria oficina, ou seja, os dois espaços misturavam-se e a relação pessoal era bastante estreita. O mestre medieval tinha autoridade a ponto de ser tratado como substituto do pai dos jovens que recebia. Tinha, também, a incumbência de educá-los e de desenvolver neles as habilidades necessárias do ofício. Havia, assim, um contrato efetivado entre o mestre e os pais do aprendiz, em que deveria constar o tempo de duração do aprendizado e os custos que ficavam a cargo dos pais. Para isso, o mestre fazia um juramento religioso e sua autoridade estava respaldada por ser cristão, dado que o cristianismo primitivo protegia a dignidade do artífice. O comportamento ético fazia parte do trabalho técnico. Portanto, ao aprendiz cabia jurar preservar os segredos de seu mestre (RAAD, 2013). As oficinas propiciavam experiências singulares, dado que orientavam-se por princípios e critérios metodológicos ou pedagógico-didáticos, variando de nação para nação, de região para região e também de cidade para cidade (RUGIU, 1998).

Até o fim do século XIII, era necessário o consentimento da Corporação para o artesão abrir sua própria oficina, além de capital para montar sua oficina e de habilidade comprovada na sua profissão, a chamada prova de obra-prima. Com a crise do modo de organização social e política do feudalismo, houve um êxodo dos campos para os centros urbanos, formando os burgos, para onde confluíam novos artesãos e comerciantes (MARTINS, 1973).

A produção industrial e a organização do tempo

Uma mudança importante no modo de viver das pessoas foi a divisão do tempo, não mais marcada pelas campainhas batendo somente as horas canônicas, mas pelas exigências de trabalho nas oficinas artesanais. Antes, o elemento determinante que assinalava a duração da atividade cotidiana era a luz do Sol, principalmente na vida

no campo, onde o trabalho dependia da luminosidade natural e da mudança de estação. O tempo das corporações era um tempo construído e medido pelo produtor, que logo se tornou o tempo urbano (RUGIU, 1998). Em um de seus estudos clássicos, Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial, Thompson (1984) salientou que a regulação do tempo foi importantíssima para o estabelecimento do capitalismo industrial. O tempo, longe de ser entendido como uma categoria *a priori*, é uma forma de regulação da vida social. Portanto, a substituição do canto do galo pelo apito da fábrica (ou os ponteiros do relógio) como sinal demarcador do momento de acordar estaria representando uma mudança radical em um aspecto da cultura moderna. Seriam necessárias várias gerações de trabalhadores para que estes fossem educados nas novas temporalidades capitalistas emergentes.

Em relação ao processo de industrialização, Rugiu (1998) destaca que já em suas primeiras fases o gênero de aprendizagem presente nas oficinas, de grande valor educativo, dado que as pessoas aprendiam pelo trabalho desenvolvido em convivência com o mestre ou pelas associações das artes, sofrera degradação. Com as transformações no mundo do trabalho, século XVIII, as críticas ao aprendizado nas oficinas e ao controle de produção pelas corporações de ofícios foram ganhando espaço nas discussões de ordem política e ideológica. Adam Smith criticava o protecionismo e o monopólio das corporações de ofícios, que impediam o livre comércio e o trabalhador de escolher onde, como e para quem trabalhar (RUGIU, 1998). Contudo, as corporações de ofício foram importantes no estabelecimento dos elos de sociabilidade entre os trabalhadores, que forneceram elementos para a elaboração de novas formas de organização moldadas ao longo dos séculos XIX e XX.

Com vistas a aprimorar tecnicamente os artífices e os operários quanto a sua prática em seus ofícios, o barão Charles Dupin tomou a iniciativa de criar um sistema de ensino com vistas à escolarização das artes mecânicas. Sua proposta visava criar um recurso didático para que as regras das artes mecânicas fossem metodicamente disponibilizadas aos trabalhadores. A ideia era propiciar autonomia aos trabalhadores, sem o tradicional monopólio dos mestres de ofício nos processos de ensino-aprendizagem. Tal iniciativa gerou a proletarização dos artífices e o fortalecimento das relações capitalistas (MAC CORD, 2009). Em meados do século XIX, em prol do desenvolvimento industrial, surgiu uma longa série de problemas da mão de obra. Máquinas são criadas para produção em larga escala. Aos poucos a mão de obra especializada e onerosa na época foi diminuindo, sendo substituída por trabalhadores não qualificados ou semiquilificados (SENNET, 2009).

No Brasil após a colonização portuguesa, as corporações de ofícios ou irmandades dos ofícios nasceram como formas de organização entre oficiais mecânicos, ou seja, pessoas que já exerciam determinada profissão ou ofício, sendo considerados artesãos qualificados na Europa. As corporações de ofícios tinham uma forte ligação com entidades religiosas e cuidavam, por exemplo, de ajuda mútua entre os irmãos do ofício e do controle do padrão de qualidade das oficinas. Os mestres de ofício comumente também se tornavam comerciantes, na medida em que tinham autorização para abrir lojas ou vender suas obras nas ruas (LEITE, 1937). Em 1824, essas corporações de ofício foram extintas no Brasil. Isso representava a defesa do livre comércio e o fim dos monopólios criados por elas, argumento mais utilizado em todos os países influenciados pelo pensamento liberal, onde as corporações foram alvos de perseguições.

Modos de ensino-aprendizagem na atividade artesanal

Com vistas ao exame do modo de ensino-aprendizagem da atividade do artesão, que acontece na relação tutorial de um aprendiz com seu mestre, buscou-se investigar a atividade do ourives, que existe há mais de 5.000 anos e que resistiu ao processo de escolarização (RAAD, 2013). O processo de ensino-aprendizagem se dá com a participação ativa do mestre na instrução. Os mestres são como guardiões da tradição de um ofício, responsáveis pela transmissão de geração em geração dos conhecimentos concretos e práticos da ourivesaria. Por não ser escolarizada, a relação estabelecida entre o aprender e o ensinar na ourivesaria se dá sob outra lógica, ela não segue formalidades, regras e pré-requisitos instituídos previamente como acontece em instituições escolares. O foco do processo ensino-aprendizagem está no aprendiz em atividade. A aquisição de conhecimento é por meio da prática, em que o pensar e o fazer não estão desvinculados. É interessante notar que essa atividade permanece não escolarizada desde seus primórdios como um saber prático. O conhecimento dos artífices é, em grande medida, tácito, não dito nem codificado em palavras, já que o que ocorre nas oficinas se transforma em hábito. Sobre esse aspecto, Sennett (2009, p. 111) relata que o “trabalho artesanal cria um mundo de habilidade e conhecimento que talvez não esteja ao alcance da capacidade verbal humana explicar; [...] a linguagem não é uma ‘ferramenta-espelho’”.

Para que um aprendiz venha a se tornar um ourives oficial, tem que conviver com seu mestre durante muitos anos, para desenvolver as habilidades e conhecimentos necessários para exercer o ofício. Saber planejar a execução de uma peça e dominar as técnicas faz parte dos ensinamentos fundamentais que são transmitidos nessas oficinas. O aprendiz deve ser capaz de resolver problemas complexos que envolvam a elaboração de uma peça, desde sua idealização até materializar a peça desejada.

Com o advento da revolução industrial, a atividade do ourives se desenvolveu à margem da atividade industrial, pois certas técnicas e habilidades inerentes ao ofício são insubstituíveis pela máquina. A atividade artesanal se opõe à atividade industrial no que se refere à forma de organizar e vivenciar o tempo. O tempo industrial é prioritariamente serial e o da ourivesaria se equilibra em torno dos três tempos referidos por Alberto Guerreiro Ramos (1981): o tempo serial, o convivial e o tempo de salto. A estruturação do tempo na atividade artesanal é um dos aspectos investigados, com foco no processo de ensino-aprendizagem que ocorre dentro das atividades de ourivesaria, como argumenta Sennet (2009, p. 328):

Os artífices orgulham-se sobretudo das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; [...] a prática se consolida, [...] tempo artesanal [...] permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos.

Em busca de respostas

Para conhecer a atividade da ourivesaria, tendo em vista o exame do modo de ensino-aprendizagem, foram entrevistados três mestres ourives de Brasília/DF: Aldenor, que exerce o ofício há 38 anos, Wilson a mais de 20 anos e Henrique, de família com tradição na ourivesaria, que trabalha há 12 anos nessa profissão. Para

tal, três questões nortearam a investigação. Como aprenderam o ofício? Como vivenciam o tempo no dia a dia de suas oficinas? Como acontece a formação de novos aprendizes?

Na busca por respostas foram dez dias de convivência nas respectivas oficinas, acompanhando e observando o trabalho diário e procurando esclarecer dúvidas. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A convivência com os mestres ourives possibilitou constatar a atitude de abertura ao diálogo para explicar as estratégias e técnicas utilizadas para a resolução de desafios que cada projeto requeria. Com muita paciência, os mestres esclareciam dúvidas e não faziam mistérios a respeito do conhecimento da ourivesaria. Nem tão pouco afirmavam que era preciso experiência profissional mais apurada, bem como vencer estágios de aprendizado que possibilitariam compreender melhor sua explicação.

A postura dos mestres vai de encontro ao modelo hegemônico de ensino que transformou o conhecimento em mercadoria, em que cursos técnicos e acadêmicos se tornaram um grande negócio. No sistema econômico capitalista, que privilegia, dentre vários outros aspectos, a perpetuação de uma sociedade escolarizada e mercantilizada, em que prevalece a ideia de tempo serial, percebe-se a necessidade da reflexão acerca da desarticulação entre o pensar e o fazer, bem como do saber-fazer sem certificação acadêmica.

Como aprenderam o ofício?

Um ofício com características tão diferentes das profissões tradicionais leva a um questionamento básico, que é o de como cada um entrou em contato com essa atividade. Como foram os primeiros passos para se desenvolverem como mestres desse ofício milenar?

Wilson e Henrique começaram trabalhar em oficinas fazendo serviços externos, e somente quando tinham tempo livre praticavam alguma atividade na bancada. Por exemplo, o Henrique aprendeu o ofício na oficina do seu tio, que na época tinha cinco aprendizes. Começou a trabalhar com 17 anos, fazendo serviços administrativos, e durante seu tempo livre ficava observando o trabalho dos demais. Aos poucos, começou a executar algumas tarefas na bancada. Wilson teve uma história parecida: *“iria ficar 30 dias para substituir um rapaz para fazer serviço de rua. Durante o tempo livre, começava a mexer na oficina.”* Esse é um ponto importante do aprendizado nas oficinas. Os aprendizes têm que ter iniciativa e interesse em aprender a atividade, pois é um trabalho prático que só será aprimorado com muito treino. Wilson relata que, após um ano trabalhando com seu mestre, já sabia fazer praticamente todos os serviços da oficina. Segundo ele, o filho do seu mestre está trabalhando há 30 anos e não aprendeu a fazer todos os serviços: *“isso varia muito de pessoa para pessoa e depende do interesse”*. Durante sua fase de aprendizado, relatou que os outros três aprendizes que estavam trabalhando com ele na oficina desistiram da profissão: *“Pra quem não tem interesse, tudo pra ele é difícil [...]. Ourivesaria é uma coisa muito repetitiva. [...] É uma profissão que nunca se aprende.”* Henrique tem um ponto de vista semelhante sobre a importância de ter iniciativa: *“cada ourives fica trabalhando em sua bancada e ninguém fica levantando para perguntar se você está com alguma dificuldade. Quando tinha alguma dúvida, eu levantava e ia perguntar para alguém explicar. De vez em quando, o mestre, observando que não iria conseguir terminar a peça, levantava e explicava como fazia.”*

Aldenor relatou algumas dificuldades de aprender o ofício no passado, quando as oportunidades e a estrutura para aprendizado da atividade eram um pouco limitadas. Cada oportunidade de poder trabalhar na bancada era aproveitada com muita dedicação: *“eu ralei muito na época. Comecei com meu irmão. [...] Tinha poucas ferramentas e uma bancada só [...] quando comecei. Meu irmão foi pro garimpo, fiquei sozinho lá, não tinha pra onde correr, tive que aprender, eu quero aprender. Nunca pensei em ganhar salários bons, eu quero é aprender! [...] Antigamente, tinha que querer, só tinha um maçarico e um bujão de gás pra três pessoas – um profissional e dois aprendizes. Mexia muito com polimento, fazia serviço de rua e ficava pensando: Quando voltar, vou fazer aquele negócio. Parece que antigamente não tinha oportunidade, larguei o emprego que eu tinha. Tinha o quê? Doze anos. Trabalhava em uma lanchonete, comecei a trabalhar lá sem ganhar nada, quando foi em 80 eu fiquei com 13 anos”*. Ao ser questionado quando foi que aprendeu o ofício, ele respondeu que essa profissão nunca se aprende completamente, pois sempre está aprendendo uma novidade e que o aprendizado é constante.

Henrique relata que, quando iniciou o aprendizado, em seis meses já tinha capacidade de fazer algumas peças sozinho. Antes disso, sempre precisava de um auxílio, por menor que fosse. Sobre o aprendizado dentro das oficinas, Henrique contou que quando começou a trabalhar na oficina, a diferença nas metodologias de ensino de uma escola para uma oficina permitiu entrar em contato com outras histórias. *“No início tinha sido um choque, pois tinha acabado de sair do ensino médio, e entrei em contato com ourives mais velhos que não foram escolarizados, e por isso considerava a comunicação difícil.”* Ele acredita que há dez anos atrás a profissão era mais respeitada e que hoje perdeu seu *status*. *“Hoje qualquer buraco tem pessoas que afirmam ser ourives, com esse mercado de compra e venda de ouro. Hoje, com a dificuldade de se arrumar emprego formal, a pessoa que tem contato mais próximo com ourives vê que a atividade não precisa de muito estudo, vai fazendo. Em Taguatinga está cheio. E em São Paulo o que tem mais é picareta. Não estão pela profissão porque gostam. Essas pessoas estragaram a imagem do ourives.”* Ele acredita que a profissão esteja voltando a ser valorizada, pois as pessoas estão valorizando o *design*, o trabalho artesanal e as produções locais. Henrique considera ter sido privilegiado por ter trabalhado com quatro ourives habilidosos e experientes. Trabalhou sete anos em oficinas diferentes, e relata que essa experiência é importante porque cada oficina tem suas características próprias e técnicas específicas, que podem ser apreendidas durante o tempo que trabalha em cada uma.

É interessante a forma como eles trocam conhecimento e reconhecem a atividade como um aprendizado constante. Aldenor ensinou a atividade para seu sobrinho. Após um ano trabalhando com ele, sugeriu que ele fosse trabalhar com outros ourives para testar como estava o seu desenvolvimento e aprender novas técnicas. Seu sobrinho ficou entre dois e três anos fora. Wilson citou um caso em que ele ensinou seu mestre a fazer uma cravação de brilhantes usando gesso para montar a peça, pois é mais rápido e fica mais bem acabado. Esse é o caso em que o aprendiz supera o mestre: muitas vezes, quando tem dificuldade de fazer peças, principalmente em decorrência de sua idade avançada, o mestre de Wilson, solicita a este que as faça. Hoje, cada um tem sua oficina, mas trabalham perto um do outro, chegando inclusive a fazer alguns trabalhos em parceria e trocar experiências.

Como acontece a formação de novos aprendizes?

A sociedade moderna escolarizada tende a destacar as diferenças de capacidade: a “economia da capacitação” tenta constantemente separar os inteligentes dos burros. Temos em comum, em grande medida, as capacidades necessárias para tornar-nos bons artífices: a motivação e a aspiração da qualidade é que nos conduzem por caminhos diferentes na vida. Essas motivações são modeladas pelas condições sociais.

Henrique relata que gostou da experiência do aprendizado na oficina porque, segundo ele, geralmente o ourives é muito aberto para ensinar. *“Se a pessoa tiver vontade de aprender, ele te ensina, para o que estiver fazendo, ou seja, deixa de ganhar o dinheiro dele para te ensinar. Esse é o perfil do ofício que não importa quem você é, pode ser inteligente, pode ser burro, bonito, feio, paciente, impaciente, a profissão te molda. E de acordo com o que você vai convivendo com outros ourives, você acaba adquirindo essa abertura. Da mesma forma que me senti acolhido quando eu fui aprendiz, quando eu vejo que alguém quer aprender, eu também acolho, e isso vai sendo passado. Não tem essa coisa de deter aquele conhecimento e não espalhar; se alguém quiser aprender, eu ensino; não tenho o menor problema com isso. A humildade é um fator preponderante na profissão. Mesmo se o santo não bate, sempre trocamos figurinha com outros ourives.”*

Dentre os ourives entrevistados, o Aldenor é o que mais formou aprendizes *“Um dia calculei aqui: formei 18 profissionais, peguei cruzinho.”* Ele também faz uma colocação semelhante, destacando a paciência como fator importante no processo de ensino-aprendizagem na oficina, e diz que sempre instrui seus aprendizes a trabalharem dessa maneira. *“Antigamente, o pessoal não tinha muita paciência, não. Uma coisa que falo pra quem vem falar comigo e uma coisa que eu exijo muito é: a paciência que eu vou ter contigo, quero que você tenha em dobro para a próxima pessoa que você for ensinar.”* Ele destaca a importância de ter paciência para desenvolver as habilidades práticas artesanais: *“Aqui você compartilha sua vida mais que com sua própria família. Então, aqui, é um ajudando o outro; nunca dizer não; às vezes, um tem a capacidade de aprender, o outro não tem, um tem facilidade, o outro tem dificuldade. O objetivo aqui é esse: eu vou te ensinar, mas você vai ter que ensinar para o outro. A coisa que não aceito é sacanear o outro, ficar de maldade. Todo mundo tem a capacidade de aprender. Quando pego pra ensinar aqui, ensino de graça, até pago as despesas, passagem, almoço e um custozinho pra se manter, salário mínimo, eu pago”.* Ele destaca que a paciência é fundamental no ensino do ofício.

Na fala do Henrique, aparece um tema que está bastante presente na discussão acadêmica a respeito do processo de ensino-aprendizagem: a necessidade de considerar o contexto local, as demandas da comunidade e buscar o enraizamento da ciência no mundo concreto. *“Não existe nenhuma formalidade no ensino. Cada lugar e cada pessoa ensinam de um jeito diferente, não tem nada estruturado. As coisas vão acontecendo de acordo com a necessidade da oficina, pois se a oficina presta um serviço específico, ela vai direcionar o aprendizado para os serviços que ela mais presta.”* Se uma pessoa aprender a soldar, ela pode imediatamente aprender outro processo de produção, sendo a própria pessoa responsável pelo seu tempo de aprendizagem, promovendo autonomia no processo de ensino-aprendizagem. Esse respeito ao tempo do aprender dos aprendizes auxilia na flexibilidade do ensinar a atividade, pois não há uma estruturação prévia, organizada em etapas ou módulos, não existe uma metodologia formalista. No início do treinamento, são observados alguns aspectos: *“o principal que eu analiso a pessoa, é uma semana mais ou menos, é sobre limagem, que é o acabamento, a firmeza no tato e no olhar, vai polimento, [...]*

o começo da montagem da peça, observo muito qual o apoio que ele vai ter nas mãos, porque a gente usa muito os quatro dedos; quando a pessoa senta na mesa, já analiso como ela vai pegar. Primeiro, eu ensino ele: 'você faz isso, isso e isso' [...]. Antes da pessoa firmar comigo, fica uma semana sob observação: 'olha, você vai ficar comigo aqui uma semana observando tudo que vou fazendo aqui'. Eu falo para eles 'vai anotando tudo que acontece, aqueles negócio tudo'”

Aldenor relatou que existe um critério de avaliação para saber se o aprendiz está apto para fazer pequenos consertos: *“primeira coisa que faz é a soldagem, tem que ter firmeza nas mãos. Quê que acontece? Ele pega fiozinho bem fininho, 0,10, fio de celular, fio mais grosso 10 mm, depois vai pra 0,010, que é micro, igual fio de cabelo. E então, através desse primeiro fio, a gente sabe se ele tem apoio, trabalhar com a pinça suspensa pra ver se tem equilíbrio, se a pessoa tem o tato de observação do tempo de temperatura”*. Quando ele era aprendiz, o que achava mais difícil era soldar peças bem finas. Com isso, ele consegue avaliar o desenvolvimento do aprendiz em uma das atividades básicas para ourivesaria.

Como vivenciam o tempo no dia a dia de suas oficinas?

O tempo serial é orientador da atividade da ourivesaria, pois diversos processos químicos e físicos têm tempos definidos, como por exemplo, a limpeza de uma peça com água e ácido sulfúrico, ou o tempo em que uma peça deve ficar sobre o fogo para derreter. Para o ourives, existem tempos estreitos e rígidos, que exigem concepções, instrumentos e medidas particulares, ligados à específica tecnologia empregada. Há, portanto, uma educação distinta sobre um sentido tão importante quanto o tempo. Ao mesmo tempo em que existem esses tempos definidos, esse conhecimento é prático e, durante a atividade, eles não cronometram o tempo, até porque peças menores ou maiores possuem tempos diferentes de processamento. Somente com a experiência eles conseguem dominar essa habilidade.

O tempo convivial se dá nas relações dentro da oficina e marca a questão do ensino-aprendizagem. Nessa relação, o mestre respeita o outro como igual, como alguém que passou por aquela experiência no passado, e sabe que um aprendiz tem a capacidade de ensinar algo novo na atividade para ele, podendo, inclusive, futuramente, pedir ajuda para seu aprendiz. Como o próprio Aldenor relata, *“para se fazer uma peça nova, deve haver planejamento para saber como iniciar o processo produtivo e isso só se adquire com experiência”*. Ele afirma que muitos aprendizes têm dificuldade de saber dar o primeiro passo, mas que muitas vezes já pediu orientação para seus aprendizes.

O tempo de salto pode ser observado em diversos momentos da atividade, pois alguns serviços que são solicitados para os ourives podem nunca ter sido executados por ele, ou possuem algum problema complexo a ser resolvido. Todavia, com auxílio de sua experiência e engenhosidade, o ourives pode criar novas metodologias para realizar o serviço. A experiência profissional da ourivesaria é repleta de desafios. Parece ter uma relação direta com a promoção da criatividade e a vivência do tempo de salto. Sempre surgem demandas de trabalhos diferentes nas oficinas, trabalhos que nunca foram realizados por eles, que, para serem executados, precisam de um planejamento e uma dedicação extra, como relata Henrique: *“tem coisas mais difíceis que nem eu consigo fazer, isso porque tenho 12 anos de profissão. Tem coisas, em livro que tenho aqui, de 1850. Quando me perguntam se consigo fazer, eu respondo que não. Tem que estudar para ver se consigo fazer. É uma profissão muito legal,*

porque nunca é a mesma. Claro que tem o feijão com arroz que todo dia você faz, mas sempre tem um desafio, isso me ajuda a querer progredir e manter.”

É possível relacionar a vivência do tempo de salto à fala de Henrique quando destaca que, dentro do trabalho, existem momentos que considera que produz melhor as peças do seu trabalho: *“tem dois estados que favorece a produção: um é quando você se identifica com a peça que está fazendo e outro é quando você acorda bem e a produção rende. Tem dia que não quero fazer nada, tem dia que passo a noite trabalhando, trabalho quando tenho vontade. Eu tenho meus prazos para cumprir. Tem que se organizar. Nessa profissão a organização é um negócio sério. Às vezes, você pensa que vai conseguir fazer uma peça em um certo prazo, mas não consegue. Não é sempre que acontece, mas é bem frequente.”* O fato de trabalhar sozinho permite que tenha grande flexibilidade de horários e que faça atividades que desejar quando tem tempo livre: *“quando tenho tempo, vou correr no parque, tomo banho em casa. É muito livre. É muito difícil de se livrar de um trabalho assim, porque não é trabalho. Dependendo do meu humor, consigo me organizar, sem ter que cumprir horários, sem encontrar com chefe. Eu não tenho essas reclamações.”* Henrique relata que queria ser piloto no exército, mas tem problemas com autoridade e isso pesou em sua escolha de trabalhar com a ourivesaria.

Cada ourives desenvolve técnicas diferentes para produzir ou consertar peças, inclusive desenvolvendo novas ferramentas, como aro de bicicleta, usando gesso e outros materiais para auxiliar no processo produtivo. Essa inventividade vem do tempo de salto, em que as ações são autônomas e responsabilizadas. Não existem prescrições formais nesse processo. O artesão não determina um tempo específico para uma tarefa, mas entra em uma jornada auto exploratória: *“então, na hora de fazer a peça, você para, analisa tudo certinho, aí executa. Eu, por exemplo, tem desenho que eu paro uma hora, duas horas, para saber como começar; tem uns caboclo aí que começa logo. Dá tudo errado. Na vida, a gente tem que ter espaço para aprender tudo.”* Aldenor também afirma: *“joia tem que ter perfeição, porque não vendo joias, vendo sonhos”.*

Henrique, que sempre teve dificuldade de lidar com autoridade, encontrou na ourivesaria a flexibilidade de que precisava para desenvolver uma atividade laboral, destacando a forma do aprendizado que teve nas oficinas: *“mas eu acho uma forma muito legal de aprendizado, por causa do tempo: cada um aprende do jeito que quer, no tempo que quer. Porque no ensino formal, nós temos a obrigação de entender o que está sendo passado ali, e quando o ensino é dado dessa forma aqui, você não tem essa obrigação, você faz se você quiser. Se a pessoa não quiser aprender é problema dela, aqui não tem nota, estrelinha e ninguém vai te dizer: ‘que bonito isso’. [...] É uma coisa pra você, não é pra mim. [...] A educação formal não garante renda, e as pessoas mais ricas eu conheço não têm curso superior.”* Em sua fala, podemos observar claramente sua descrença nas graduações escolares como forma de atingir o sucesso profissional. A falsa promessa de que diplomas e certificados garantem destaque social e bons salários não teve muito impacto sobre as escolhas de vida do Henrique.

Algumas considerações finais

A vivência do tempo de salto e do tempo convivial ainda não é propiciada nos ensinos formais. Pelo contrário, não se incentiva a autonomia e os alunos ficam presos a fragmentações do conteúdo e períodos determinados para se cumprir etapas do

processo de ensino; presos, assim, a uma serialização do tempo, imposta pelo modelo econômico. Isso transforma os alunos em depósitos de informações que não estimulam o pensamento crítico e a possibilidade de criar algo novo daquilo que se está estudando ou aprendendo. Isso de nada serve para incitar os alunos à reflexão, à libertação, mas leva-os ao conformismo e ao embotamento afetivo, que não propiciam desenvolvimento pleno e saudável na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O poder econômico cria as verdades e manipula a sociedade para atingir seus próprios objetivos. Ele tem conseguido exercer sobre os indivíduos um grande poder, um controle maior do que aquele que os indivíduos exercem sobre si mesmos. Sob essa lógica a escola tornou-se uma organização mercantil que afasta o indivíduo da vida concreta, adotando parâmetros ilusórios para produção de conhecimento através da graduação escolar, composta por certificados e diplomas que valorizam o acúmulo de conhecimento. Nosso sistema econômico vende a ideia de que esses certificados e diplomas escolares geram destaque social e bons salários (ILLICH, 1971).

A função da escola deveria ser o de propiciar as condições para o exercício da autonomia ao ser um espaço do pensar livre e do convívio, possibilitando o contato com a natureza e com espaços que privilegiem a vivência de outros tempos, o prazer do tempo convivial, de relações face a face, de colaboração, cooperação e do diálogo, que inclusive é proibido durante praticamente todo período de aula. É preciso tempo livre para poder organizar os pensamentos e refletir sobre os dramas que permeiam a vida. A promoção de ações responsabilizadas pode desenvolver pessoas mais comprometidas socialmente, protagonistas das atividades que mais gostam de desenvolver.

A atividade artesã é executada de maneira adequada quando há o equilíbrio dos três tempos de Ramos (1981). Geração após geração, as técnicas e as experiências acumuladas foram disseminadas, aperfeiçoando-se as estratégias de transmissão do conhecimento da atividade do artesão. Esse patrimônio pedagógico, adaptado aos dias atuais, parece ressaltar que não se pode obrigar uma pessoa a aprender a fazer algo com qualidade sem que ela esteja engajada para tal atividade.

Há liberdade e respeito ao tempo de aprendizagem de cada um. Se durante a execução de alguma atividade, o aprendiz considera que não está mais produzindo, é permitido a ele interromper sua atividade. Se essa flexibilidade não contribuísse de alguma maneira na transmissão desse conhecimento prático, talvez o processo de ensino-aprendizagem nas oficinas não ocorresse. O exercício de reflexão, de respeito ao tempo de aprendizagem individual e às características pessoais são levados em consideração durante todo processo de ensino-aprendizagem. Um dos pontos principais encontrados em todas as falas dos ourives é que é primordial para o trabalho na oficina que o aprendiz esteja genuinamente interessado pelo ofício. A sabedoria é utilizar a razão para orientar a ação, promovendo a autonomia e a ação criativa. O ensino-aprendizagem dentro da oficina artesanal possui um grande valor educativo. O fazer incentiva a qualidade do trabalho em termos de experiência compartilhada, tentativa e acertos e erros coletivos. Os atos físicos de repetição e prática permitem a eles desenvolver as habilidades de dentro para fora e reconfigurar o mundo material. As habilidades artesanais se aperfeiçoam no ritmo do tempo artesanal. É com a prática constante que o artesão se apropria dessas habilidades de forma duradoura.

É importante destacar a valorização do papel do mestre nas oficinas e a sua orientação na transmissão do conhecimento da ourivesaria aos aprendizes após serem reconhecidos como ourives profissionais. O fato de terem sido acolhidos um dia por um mestre em sua oficina estimula os aprendizes a fazer o mesmo, pois o sentimento de gratidão parece impulsionar a transmissão do ofício. Essas características parecem auxiliar no desenvolvimento da capacidade de se colocar no lugar do outro, pois todo mestre já foi um dia um aprendiz. Graças aos guardiões dessa tradição belíssima, que resistiram a tantas mudanças em nossa sociedade, podemos voltar no tempo e sentir um pouco do fascínio exercido pelo artesanato e uma revalorização do fazer aprendendo.

Referências:

- CARVALHO, H.C.B. **Artesanato de caixetas em São Sebastião – SP**. 2001. 143f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br> > . Acesso em: 30 out. 2013.
- ILLICH, I. **Sociedade sem Escolas**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LEITE, S. **Páginas de História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- MAC CORD, M. **Andaimos, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880**. 2009. 377f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009
- MARTINS, S. **Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.
- RAAD, I.L.F. **Atividades cotidianas e o pensamento conceitual**. 2001. 211f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- ROBERTS, J. M. **O Livro de Ouro da História do Mundo: da Pré-História à Idade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- RUGIU, A.S. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SANTOS, T.S. O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local. VII SEGeT – **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2010, p.14-21.
- SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- THOMPSON, E.P. **Tradicón, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Critica, 1984.